

Aviso de morte para uns, pessimismo para outros

“Financial Times” volta a criticar a condução da economia brasileira, dizendo que governo foge dos problemas

Redação

redacao@brasileconomico.com.br

Enquanto o ex-ministro da Fazenda Delfim Netto criticava o excesso de pessimismo sobre a economia brasileira, na Grã-Bretanha o diário “Financial Times” voltou a fazer duras críticas à economia brasileira. Em reportagem de seu correspondente em São Paulo, o jornal diz que a matriz econômica adotada pela presidenta Dilma Rousseff — a começar pela alta taxa de juros — soa como um “dobro de finados”. Um dos economistas ouvidos na matéria diz que Dilma tenta “executar macromodelos keynesianos que os rapazes da Unicamp falam há anos, mas que nunca colocaram em prática (...) e que não funcionam, apenas tornaram as coisas piores, sob todos os ângulos”.

Para o “Financial Times”, o resultado das últimas políticas de Dilma — incluindo “medidas não-ortodoxas” para conter a inflação, através de subsídios aos combustíveis, às tarifas de energia e às passagens de ônibus — foi um cenário para 2014 com inflação alta, em torno de 6,3%, e crescimento baixo do Produto Interno Bruto (PIB), por volta dos 2%.

O jornal diz ainda que os responsáveis pela política econômica brasileira estão “obcecados com questões cíclicas” e não têm vontade política de encarar os problemas estruturais do país — em especial o crescimento da carga tributária, de 27% do PIB em 1997, para 36% em 2012, acima da média dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). “O Brasil precisa gastar menos, poupar mais e investir muito mais”, diz o jornal, acrescentando que Dilma continua resistente às críticas, provavelmente tentando ganhar tempo até as eleições.

Para o jornal, medidas como os subsídios aos combustíveis, à energia e às passagens de ônibus resultaram apenas em inflação mais alta e crescimento menor em 2014



Patricia Stavis

“*Nós vivemos uma situação incômoda, mas nada indica que caminhamos para o apocalipse ou para perder o controle. Todos os problemas são passíveis de se enfrentar***”**

Antônio Delfim Netto
Ex-ministro da Fazenda

Para Delfim, há uma desconfiança entre o governo e as empresas privadas que precisa ser vencida

Delfim Netto: situação é ‘incômoda’, mas está sob controle

O excesso de pessimismo sobre a economia brasileira não se justifica. A afirmação é do economista Antônio Delfim Netto, para quem vivemos uma situação econômica “incômoda”. “Nada indica que caminhamos para o apocalipse ou que vamos perder o controle da política econômica. Todos os problemas são passíveis de se enfrentar, já que o país tem instituições fortes e não há nenhum desarranjo institucional”, disse ontem, durante o fórum de investimento promovido pelo Bradesco BBI.

Crescimento modesto do Produto Interno Bruto, piora do equilíbrio fiscal, déficit comercial acima do considerado confortável e deterioração da indústria são os fatores que, na opinião de Delfim, colaboram para a piora da visão sobre o Brasil. Entretanto, ele garante que é

possível fazer ajustes — “e serão feitos” — independentemente do candidato que vencer a eleição de outubro: “Essa política econômica precisa mudar para uma onde haja coordenação entre política monetária, fiscal e cambial”.

Delfim reconhece, entretanto, que é pouco provável que o PIB cresça muito acima dos 2,3% registrados no ano passado. “Nós vivemos um regime de pleno emprego, portanto, não dá mais para esperar incorporar mão de obra para crescer. O crescimento daqui para frente vai depender da expansão da produtividade. E isso está ocorrendo através das concessões pelo setor público”, afirmou. Como exemplo, ele cita que, atualmente, para escoar soja do Mato Grosso para o Porto de Paranaguá, perde-se 400 quilos de grãos. “Com a melhora das estradas, essa perda será de apenas 200 quilos, melhorando a produtividade.”

Segundo o economista, a pior

situação é a da indústria, que teria perdido US\$ 320 bilhões desde 2006, por conta da valorização do câmbio. Para ele, a opção equivocada do governo em usar política cambial como ferramenta de combate à inflação prejudica a economia. “Mas não há nenhum risco de o governo perder o controle e a inflação ultrapassar 10% ao ano. Mas ficará namorando o teto da meta. O maior problema é a deterioração da indústria”, afirmou.

Ele lembra que a produção industrial desabou desde a crise e não conseguiu mais se recuperar. “Até 2006, a indústria crescia no mesmo ritmo das vendas do varejo. A partir daí, houve uma deterioração da produção industrial, que começou a se recuperar, mas desde 2010 passa por uma estagnação que só se agrava pelo câmbio valorizado, abrindo espaço para a importação, prejudicando a produção interna”, afirmou.

Para uma plateia formada majoritariamente por empresários e investidores potenciais, Delfim tentou explicar porque, apesar desses percalços, a população está mais satisfeita com o governo do que a classe empresarial. “Houve uma inclusão social muito grande nos últimos anos, que trouxe para o sistema econômico pessoas que até então estavam afastadas dele. A sociedade brasileira se sente melhor hoje do que se sentia no passado. Isso mostra o porquê das diferenças de avaliação entre a população e a classe empresarial”, afirmou.

Delfim disse que é preciso um esforço para tentar vencer a desconfiança mútua entre governo e empresas privadas: “Eu reconheço que a superação dessa desconfiança é lenta, mas ela precisa ocorrer. Os senhores precisam vencer o pessimismo e dar um voto de confiança ao governo”. **Patrícia Büll**